

Criação e recriação nos textos de Gabriel García Márquez: uma abordagem literária

Creation and recreation in the texts of Gabriel García Márquez: a literary approach

Ana Paula Aparecida Da Silva DUARTE⁶¹

RESUMO: Escritor e Jornalista, Gabriel García Márquez está entre os maiores nomes da literatura, principalmente pelo reconhecimento através do Nobel de Literatura. Suas obras o consagraram como mestre do Realismo Mágico, gênero de veia latino-americana que mistura fantasia e realidade. Com este artigo são analisados três textos pertencentes a obra jornalística do colombiano publicados entre 1954 e 1955 – período em que exerceu com predileção o jornalismo no *El Espectador*. As características do texto literário foram organizadas em tabulação e prosseguem análise por amostragem das reportagens. Os estudos de Lajolo (1982), Proença Filho (2007) e Samuel (1985) dão base ao protótipo para publicação na área. Ainda que o escritor narre e age como participante ativo desde as entrevistas até o momento de redigi-las, muito se questiona sobre a veracidade das informações publicadas por ele no jornalismo tendo em vista o rigor da narrativa literária e sua oscilação com este campo. A análise destes textos revelam tamanha irmandade entre a realidade vivida pelo colombiano e aquela exposta no papel. Desde suas obras até seus textos o escritor expressa o criar literário a partir da recriação do dado concreto e esta maneira de trabalhar proporcionou enorme valor para a reportagem e crônica jornalística.

PALAVRAS-CHAVES: Literatura; Jornalismo; Texto; Narrativa; Ficção.

ABSTRACT: Writer and Journalist, Gabriel García Márquez is among the biggest names in literature, mainly for recognition through the Nobel Literature. His works have consecrated him as master of Magical Realism, a Latin American vein genre that mixes fantasy and reality. This article analyzes three texts belonging to Colombian journalism published between 1954 and 1955 - a period in which he practiced journalism in *El Espectador*. The characteristics of the literary text have been tabulated and continue sampling analysis of the reports. The studies of Lajolo (1982), Proença Filho (2007) and Samuel (1985) provide the basis for the prototype for publication in the area. Although the writer narrates and acts as an active participant from the interviews until the moment of writing them, much is questioned about the veracity of the information published by him in journalism in view of the rigor of the literary narrative and its oscillation with this field. The analysis of these texts reveals such a brotherhood between the reality lived by the Colombian and the one exposed in the paper. From his works to his texts the writer expresses the literary creation from the re-creation of the concrete data and this way of working provided enormous value for the reporting and chronicle journalistic.

⁶¹ Graduanda em Letras na Universidade Católica Dom Bosco; E-mail: paulaa.duarte@hotmail.com.

KEYWORDS: Literature; Journalism; Text; Narrative; Fiction.

Introdução

Os textos de Gabriel García Márquez são lembrados com apreciação na literatura por uma característica deste escritor surgido no *boom* latino-americano. Um dos escritores mais importantes do século XX, o nobel de literatura transitou pelo jornalismo, assim como os brasileiros Euclides da Cunha e Machado de Assis. Os escritores de redação trouxeram com eles características que até hoje geram discussões no jornalismo literário. Em quase 50 anos de profissão, García Márquez trabalhou em jornais latinos, produziu crônicas/contos e foi correspondente na Europa.

Levando em conta a carência de uma pesquisa sobre as obras do autor publicadas em jornais impressos, este artigo procura analisar três destas reportagens, publicadas no *El Espectador* e que foram compiladas posteriormente em livros que correspondem a obra jornalística, lançado pela Editora Record. Para a escolha, foi priorizado sua repercussão e aspectos sociais, conforme a organização e prólogo de Jacques Gilard no volume “Obra Jornalística vol 2, Textos Andinos 1954-1955”, de Gabriel García Márquez (2006). De acordo com a coleção de cinco volumes intitulada “Obra Jornalística”, aproximadamente dois mil textos foram publicados pelo autor no período da rotina das redações, de 1948 à 1995. Passam pela análise *O Chocó que a Colômbia desconhece* publicada em setembro de 1954, *Da Coréia à realidade* publicada em dezembro de 1954 e *O drama de três mil crianças colombianas desabrigadas* de maio de 1955.

Tendo em vista que a literatura não escapa de restrições, pois, assim que se definem os gêneros, dentro dos quais se fixam padrões de aceitabilidade e excelência como para romances ou crônica, sendo este segundo considerado híbrido. Todavia, a análise segue características do texto literário mencionadas por Proença Filho (2007), Lajolo (1982) e Samuel (1985). Literatura é constituída de uma comunicação

especial e distinta da modalidade própria do uso cotidiano, próximo da manifestação de linguagem literária. Ainda neste campo caminhamos pela ficção e realidade, pontos permeáveis quando se estuda as obras de Gabriel García Márquez. Teoricamente a conceituação de realidade se relaciona como aquilo que faz uma espécie de oposição ou confronto com a ficção ou com a criação literária. Nos textos de García Márquez a ficção trata-se como um ponto de vista da realidade, já que é o mundo real e as vivências reais que são efetivamente o material da ficção, ou seja, realidade e ficção estão sempre relacionadas, mesmo que, em alguns momentos de forma superficial, mas encontrando-se através da linguagem.

De acordo com Proença Filho (2007), o texto da literatura é um objeto de linguagem ao qual se associa uma representação de realidades físicas, sociais e emocionais midiáticas pelas palavras da língua na configuração de um objeto estético. “O texto repercute em nós na medida em que revele marcas profundas de psiquismo, coincidentes com as que em nós se abriguem como seres sociais”.

Contudo o discurso literário traz, em certa medida, a marca da opacidade: abre-se a um tipo específico de descodificação ligado à capacidade e ao universo cultural do receptor. Quem se aproxima do texto literário sabe a priori que está diante de manifestação da literatura. Lajolo (1982) sugere que é a partir da relação linguagem / mundo ora aumentada, ora minimiza a “distância” e a “convenção entre as palavras e as coisas, que nasce a literatura. Quer dizer, ela surge na manifestação mais radical da linguagem.

Segundo Lajolo (1982), a relação que as palavras estabelecem com o contexto, com a situação de produção e leitura que instaura a natureza literária de um texto. Assim, não nos é possível falar em uma diferenciação que, por sua vez, separe, por exemplo, linguagem literária da linguagem coloquial. Portanto, o que torna a linguagem fundamento ou ponto de partida é a situação de uso da linguagem.

Há os que entendem que a obra literária envolve uma representação e uma visão do mundo, além de uma tomada de posição diante dele. Tal posicionamento

centraliza, assim, suas atenções no criador de literatura e na imitação da natureza, compreendida como cópia ou reprodução.

Paralelamente, o caráter ficcional que, durante longo tempo foi considerado uma das características básicas do texto de literatura, entendida a ficção como fingimento, resultante do ato de fingir, tem sido posto em questão. Para alguns especialistas contemporâneos, o ficcional não se confunde como falso: nele se abriga alguma coisa captada da realidade. Sendo assim, a criação literária ou recriação.

O Chocó que a Colômbia Desconhece

TABELA 1: CARACTERÍSTICA DO TEXTO LITERÁRIO		
	Sim	Não
• Quanto à narrativa: Sequência de acontecimentos e história; Explanação sobre o ambiente; narrador e narratório; tempo.	X	
• Gênero (s) literário (s), texto pertencente ao gênero narrativo: Fábula, epopeia, romance, conto, novela, crônica, ensaio.	X	
• Função Estética:	X	
• Ficção: Literatura é marcada pela invenção e traz também a marca de uma variabilidade específica, seja em nível de representatividade cultural ou de discursos individuais.		X
• Não há gramática normativa para o texto literário: criação é o da liberdade	X	
• Importância do personagem na narrativa: São eles quem dão condição ao enredo e vivem nele como participantes da história.	X	
• Linguagem poética: desautomatizada, opaca e opera na sensação do objeto (perceptibilidade)	X	

(Fonte: Proença Filho (2007), Lajolo (1982) e Samuel (1985))

Sobretudo as características de um texto literário envolvem quase obrigatoriamente a narrativa, que integra ação e narração, caracteriza ainda uma sequência de conflitos ou tensões que se resolvem ou não. De acordo com Proença Filho (2007), a ação se situa no nível da trama, intriga ou enredo, que envolve o que ocorre com os personagens, tudo comunicado pela narrativa. Nas reportagens sobre o Chocó a narrativa coloca movimento, o diferencial dessas reportagens é o tênue desvio de interpretação dado pelo escritor: rígido com os fatos, apresentando fielmente cada detalhe da história, ou com metáforas, García Márquez mostra uma leitura variada do ocorrido. Para ele, cada informação, comprovada ou não, ganha uma parcela de veracidade. O jornalista também lida com habilidade a grande confusão de notícias veiculadas na cidade e neste momento que o grande escritor entra em cena ao conseguir depoimentos dos sobreviventes, além de reconstituir, de forma criativa, os últimos minutos das vítimas.

Inicialmente a série abre retratando as manifestações e a situação do povo em meio à realidade, na segunda, a estrada que nunca existiu e como chegam as comidas. Na terceira se centraliza a questão dos ensinamentos escolares e a história que envolve o povoado. Na quarta e última reportagem, Andagoya com a riqueza da platina colombiana traz à tona o problema da energia. A platina e a submissão dos *chocoanos* em meio a riqueza é o desfecho do enredo, pois por maior que seja o problema envolve o que eles têm de importante para os outros.

Em *O Chocó que a Colômbia desconhece*, o rigor, a preocupação com cada detalhe, é mais forte. O escritor para justificar a cívica reivindicação da população, baseia-se nos levantamentos estatísticos e pormenores geográficos que impossibilitavam a cidade de crescer. A narrativa se acelera à medida que aumenta a irritação das pessoas e o escritor elege o humor para descrever a rápida progressão de acontecimentos. Como no trecho que inicia a reportagem:

Nos mapas figura uma estrada de 160 quilômetros, que é pura especulação cartográfica: Medellín-Quibdó. Viajar por ela é padecer em uma angustiante e exaustiva jornada de 22 horas, em veículos abarrotados de mercadorias e animais. E como o rio Atrato, ou como quase todos os rios e povoados Chocó, essa estrada, mais teórica que real, pois só admite o trânsito em um único sentido, é uma longa calçada de terra batida com ouro em pó. Em certos pontos, mais especialmente em La Platina, a nove quilômetros de Quibdó, basta cavar um buraco e lá se instalar para explorar indefinidamente uma mina de ouro. Por esse motivo, viajar ao Chocó tem sido, durante um século, uma aventura pouco fabulosa, e que, inclusive como aventura, ainda está por descobrir. [...] É preciso saber como se chega a Quibdó para entender claramente o que aconteceu no Chocó nas últimas semanas. Com sua igreja inacabada, remendada com latas, e seu dizimado parque municipal, que parece o saldo de um terremoto, Quibdó é um povoado de gente civilizada, hospitaleira e pacífica, mas que parece um acampamento no coração da selva (GARCÍA MÁRQUEZ, 2006, p.257).

García Márquez narra e age no texto como participante ativo seja desde as entrevistas até ao redigi-las, diferente da característica de observador adotada no jornalismo. Portanto, nos seus textos o personagem narrativo reflete como em obras literárias, com foco na condição humana. Como quando descreve a situação de um índio que vende galinhas e não aceita pagamento senão em dinheiro ou o caso das “mulheres de ninguém” na última reportagem da série. Os personagens criam importância na medida em que são descritos pelo colombiano, esta forma difere de manuais de jornalismo. Até quanto ao local, quando diz que em Chocó chove 360 dias ao ano surge a lembrança daquela cidadezinha da literatura de Gabo. De acordo com Proença Filho (2007), com a técnica-literária ou à tradição temático-literária necessariamente está vinculado o trabalho do escritor. A literatura se abre, então, plenamente, à criatividade do artista.

Um texto literário realmente significativo ultrapassa os limites do codificador para nos atingir, por força ainda do mistério da criação em literatura, com mensagens capazes de revelar muito da condição humana. Caracteriza um mergulho na direção do ser individual, do ser social, do ser humano, narrado pelo colombiano. Para Lajolo (1982), o universo que autor e leitor compartilham, a partir da criação do primeiro e da recriação do segundo, é um universo que corresponde a uma síntese – intuitiva ou racional, simbólica ou realista – do aqui e agora que se vive. O artista da palavra tem

uma sensibilidade mais apurada do que a do comum das gentes, e essa acuidade mobiliza-lhe a criação progressora. Na mesma linha de pensamento, Proença Filho (2007) acredita que a obra de arte literária se faz, fazendo-se. Paralelo à criação está o que para alguns credita invenção no texto, porém por mais que autorize a qualquer transgressão nesse sentido não apresenta a ficção que se impõem ao indivíduo por corresponderem àquilo que habitualmente se diz.

Eric Nepomuceno, jornalista e escritor é nada mais que amigo de Gabriel García Márquez e um dos principais tradutores de suas obras. Nepomuceno (1998) aponta que na literatura pode mentir, mas não se pode falsificar. “A literatura não tem que ser realista senão vira uma reportagem. A criação literária é você recriar um dado qualquer da realidade”.

Publicar os textos que integram “O Chocó que a Colômbia desconhece” envolve muito mais a condição, revelada pelo biógrafo inglês Gerald Martin (2010), se considerarmos este fato a normatização pode encaixar nos moldes literários propostos por Proença Filho (2007) e Lajolo (1982). Cabe as reportagens, a publicação no jornal *El Espectador* e a dimensão no momento em que foi publicada justificar os fatos com base na verdade. O trecho seguinte diz respeito ao que antecede a produção do acontecimento:

Houve violentos protestos, e Gabriel García Márquez foi enviado com um fotógrafo, Guillermo Sánchez, para cobrir o conflito. A viagem foi tão ruim, num avião tão velho, e ele se recorda de que chovia, e, segundo ele, até os pilotos estavam aterrorizados. [...] Quando descobriu que as manifestações que ia cobrir tinham acabado; então conseguiu que um amigo organizasse mais algumas! Essa iniciativa assegurou o sucesso de sua missão. Após poucos dias, como as notícias começaram a crescer e outros repórteres começaram a chegar, o governo cancelou seu plano de reestruturar os quatro departamentos (MARTIN, 2010, p.225).

Desse modo, o escritor colombiano começa a construir as histórias que percorrem o povoado, da forma assinalada por Samuel (1987, p.11) de que a literatura é capaz de representar um objeto em toda a sua íntima profundidade. “O

espírito se objetiva para si mesmo através da fantasia da imaginação. A literatura trabalha para o desenvolvimento da intuição interior.” A literatura é tratada como arte a partir da estética e da fruição. Segundo Barthes (1987), o texto da fruição provoca perplexidade, tira o leitor do estado de acomodação e leva-o a percorrer caminhos de questionamentos, de negação, de aflição, de estado de perda; derruba velhos pensamentos e crenças e corre em busca de um novo sentido. Quando isso ocorre, segundo Barthes (1987, p. 12), “[a] cultura retorna, portanto como margem: sob não importa qual forma”, pois permite a reflexão crítica, o pensamento mais elaborado do abstrato, como também a fruição estética por meio dos usos artísticos da linguagem. A função estética da literatura permite ao leitor um “gozo”, que, para Barthes, não se confunde com prazer, mas, sobretudo, com a reação causada pelo embate entre obra e leitor.

Fica esclarecido que a literatura é arte, e, dessa forma, o livro torna-se um objeto estético, pois permite ao leitor funções comunicativas que levam à fruição - esta entendida como uma sensação estética, que pode ser de perda, de conflito, de desconstrução.

No Chocó, como em todos os territórios tropicais, as pessoas conservam o hábito de pôr seus assentos na rua quando anoitece e aí conversarem até as nove da noite. Durante as últimas semanas, interrompeu-se esse costume, e os *chocoanos* que não saíam às ruas encerravam-se nas casas, para compor paródias de músicas populares e estabelecer projetos para o futuro. Inevitavelmente, aquelas reuniões tinham um clima de conspiração. *Lamento chocoano*, a bela triste canção composta pelo professor de uma remota aldeia *chocoana*, quase na fronteira com o Panamá, foi cantada com tal insistência, com tal fervor, que cinco dias depois de iniciado o movimento a maioria de seus intérpretes mais entusiastas estava afônica. Naquelas peças fechadas, naquele ar carregado de carbono e expectativa, as mulheres e os homens esqueléticos, cantando seu hino até o amanhecer, pareciam capazes de continuar cantando esse hino até o final dos tempos (GARCÍA MÁRQUEZ, 2006, p.262).

Inquestionavelmente está a sensação que pairava e se é a transformação social um dos maiores prazeres que encontrou na profissão, foi com a emoção, a

subjetividade, que principalmente ele narrou as reportagens. A linguagem que opera uma sensação do objeto, através da perceptibilidade é para Samuel (1985) a característica que difere a literatura da linguagem cotidiana. O formalismo, coerente com a compartimentalização do conhecimento, abandona, na caracterização da natureza do literário, as outras formas de conhecimento: histórico, social, psicológico, econômico, etc., e centraliza-se na linguagem. Para ele, o literário parte de uma oposição entre linguagem cotidiana e poética. Esta linguagem é desautomatizada, opaca e faz uso da percepção. Na segunda série de reportagens, o escritor nos apresenta Samurindó e associa os problemas ditos por um habitante à riqueza colombiana, a platina.

Com seus nove barracos à volta da escola, Samurindó é uma síntese do Chocó, um departamento onde as escolas são, como nesse caso, maiores que os povoados. Lá todo mundo sabe ler e escrever, e sabe explicar, sem que se pergunte, apenas pelo costume de o dizer todos os dias, qualquer problema do Chocó. À força de sabê-los de cor e de havê-los repetido esterilmente, chegaram a polir ao máximo seus argumentos e suas palavras. As frases de um *chocoano* sobre os problemas de seu departamento, de tão impenetráveis, brilhantes e rebuscadas, parecem feitas de platina (GARCÍA MÁRQUEZ, 2006, p. 272).

O texto tem estilo aproximado da crônica, estilo de narração que tem por base fatos que acontecem no cotidiano. Dos gêneros literários pertencentes ao narrativo a crônica é a que permeia entre o jornalismo e a literatura. O diferencial deste estilo está na ótica com que se observam os detalhes, é através disso que vários cronistas podem fazer um texto falando do mesmo fato ou assunto, mas de forma individual e original, pois cada um observa de um ângulo diferente e destaca aspectos diferentes.

Para Ferro e Ferro (2013) esse gênero textual caracteriza-se por retratar um relato de acontecimentos sociais, políticos ou culturais, situados em um espaço de tempo e composto por um pequeno número de personagens. Geralmente vem carregada de ironia e humor, conduzindo o público a outra conclusão, muitas vezes emocional e singular.

Uma das características marcante da crônica é a opinião gerada pelo escritor, quase sempre com um tom de protesto ou de argumentação. Esses textos apresentam atributos marcantes da literatura; contudo, também se destacam no cunho jornalístico. A crônica se diferencia e destaca no jornal em razão do seu objetivo, que é a não busca pela exatidão da informação. A crônica, assim como a reportagem, é para Gabriel García Márquez o meio que permite ousar e desse modo que ele procura escrever suas histórias. Levando em conta a inclusão de opinião e o tom dado nos textos, as séries se misturam as características das crônicas neste gênero. A crônica da literatura e a reportagem no jornalismo. No trecho abaixo, Gabo faz novamente a defesa dos *chocoanos* sob alegação de que formam uma única família:

Se se vai mais fundo, compreende-se que os filhos do Chocó amam sua terra e a ela estão apegados de uma forma radical e definitiva, porque estão acostumados a saber que formam uma só família. Desmembrar o departamento teria sido, literalmente, dispensar uma antiga e extensa casa de cem mil parentes (GARCÍA MÁRQUEZ, 2006, p.263).

Kundera (2013) faz indagações existenciais acerca de *Cem anos de solidão* de García Márquez, onde o centro da atenção não é mais um indivíduo, mas um cortejo de indivíduos; eles são todos originais, inimitáveis. A originalidade criada pelo escritor projeta-se na narrativa de *chocoanos*. No livro *História de um Deícidio*(1971), o escritor peruano Mario Vargas Llosa documenta o que para ele é invenção que García Márquez fez do protesto em Quibdó e disse que era parte de sua personalidade aventureira e sua satisfação pelos feitos e pelos personagens inusitados.

Da Coréia À Realidade

TABELA 2: CARACTERÍSTICA DO TEXTO LITERÁRIO		
	Sim	Não

• Quanto à narrativa: Sequência de acontecimentos e história; Explicação sobre o ambiente; narrador e narratório; tempo.	X	
• Gênero (s) literário (s), texto pertencente ao gênero narrativo: Fábula, epopeia, romance, conto, novela, crônica, ensaio.	X	
• Função Estética:		X
• Ficção: Literatura é marcada pela invenção e traz também a marca de uma variabilidade específica, seja em nível de representatividade cultural ou de discursos individuais.		X
• Não há gramática normativa para o texto literário: criação é o da liberdade	X	
• Importância do personagem na narrativa: São eles quem dão condição ao enredo e vivem nele como participantes da história.	X	
• Linguagem poética: desautomatizada, opaca e opera na sensação do objeto (perceptibilidade)		X

(Fonte: Proença Filho (2007), Lajolo (1982) e Samuel (1985))

O discurso em defesa do povo colombiano em meio a uma participação por obrigação do governo na guerra da Coreia dá o tom do texto “Da Coreia à realidade” e é com a narrativa projetada a partir da concepção de vítimas, e não de heróis que o jornalista ousa em escrever. Logo no começo da reportagem Gabriel García Márquez (2006, p. 353) diz “Os historiadores encontraram certamente uma boa fórmula literária para escrever a história da guerra coreana”. Mas para ele essa história é muito mais interessante e humana quando contada pelos veteranos que agora andam por aí, transformados em colombianos comuns, depois de haverem conhecido, junto ao perigo, nas antípodas da casa em que nasceram, um modo de viver que, por muitos motivos, parecia, às vezes, um sonho fantástico e, às vezes, um pesadelo.

Construído primeiramente com a chegada dos colombianos e as informações oficiais, segue explicando o momento da chamada para a guerra intercalando com casos dos veteranos que regressaram e a última reportagem procura provar a tese de que os veteranos têm tendência à psicopatia por terem participado da Guerra na Coréia, este seria o desfecho final. Na literatura e sua narrativa o papel do personagem é relevante para a ação, os personagens aqui são os veteranos da guerra, sem eles a história não teria o mesmo sentido para García Márquez, pois confirmam sua posição. O escritor não escondeu seu pensamento quanto à política na Colômbia e talvez sua motivação para escrever além do parâmetro literário, tenha encoberto este tema que com o jornal físico tomou proporções maiores. Proença Filho (2007) lembra que múltiplas classificações, nascidas das mais variadas posições críticas, se apoiam no que os personagens "são", no que "representam" ou no que "fazem", privilegiando, assim, dimensões aspectuais.

Tendo em mente que cada escritor leva um pouco de si para suas histórias e Gabo refletia muito de sua infância, a presença do personagem e ausência de ficção nos textos jornalísticos “brincam” com o que ele instaurou no modo de escrever, o Realismo Mágico. Apesar da literatura não ter compromisso com a veracidade factual, a ausência de ficcionalidade não inviabiliza a realização literária. Na perspectiva literária, um texto será tão mais eficaz quanto mais propor novas formas de dizer novas velhas coisas. Afirmar a presença de realidade e imaginação no jornalismo seria loucura nas redações atualmente, na literatura a criação torna passível de liberdade embora as seguintes reportagens possuam poucas características deste último. Ocorre neste caso a percepção do fato a partir de terceiros (soldados colombianos), o escritor apresenta humanos e além de tudo refêns da guerra.

Talvez seja necessário ressaltar que o avô de García Márquez lutou na Guerra dos Cem Dias e as histórias sobre uma guerra não seja novidade para ele. Revela que a guerra não é só de glórias, mas horrenda. Sobre o assunto Saldívar (2000) cita

Ninguém escreve ao Coronel, pois a Colômbia tornou a se encher de soldados e coronéis a quem ninguém escreveria.

Em relação ao discurso literário, Proença Filho (2007) considera que ele traz, em certa medida, a marca da opacidade. A linguagem que caracteriza a obra literária é, necessariamente, ambígua e em permanente atualização e abertura, e está vinculada estreitamente ao caráter conotativo que a singulariza como no exemplo abaixo retirado da reportagem:

Na Coréia, os colombianos aprenderam que a comida, abundante e boa, podia chegar em caminhões que pareciam dirigidos por Papai Noel. Aprenderam a ser saudados como heróis nas cidades do Japão, e a que os militares estrangeiros da mais elevada patente manifestassem o orgulho de tê-los sob suas ordens. Aprenderam a mascar chiclete, a fumar cigarros estrangeiros, sem necessidade de pôr em perigo o orçamento doméstico, e até a gastar cinquenta dólares em uma festa, sem necessidade de pensar, na manhã seguinte, no dinheiro do leite das crianças. Não só eram heróis condecorados, mas heróis solventes, a quem as comodidades da vida choviam do céu, como se supõe que deve ocorrer à imagem do tradicional herói (GARCÍA MÁRQUEZ, 2006, p.356).

Vinculado à conotação, aqui no caso dos caminhões com o trenó dirigido por Papai Noel e imagem de herói, está a linguagem poética que é para Samuel (1985) o que compõe a literatura. Não confina a narrativa a uma mera transcrição de fatos; ele adiciona interpretação e imaginação. O escritor colombiano emprega a construção de cena por cena, a reprodução de diálogos, o ponto de vista de terceira pessoa e o relato dos hábitos, costumes e comportamento dos pessoas.

O conceito de conotação e denotação, como forma de distinguir a literatura, concorre para encaminhar o seu entendimento, mas não explica inteiramente. A conotação designaria as diferentes significações que um signo linguístico adquire dentro de um texto. A conotação está, pois, ligada à ambiguidade, aos múltiplos sentidos dos vocábulos. O posicionamento do leitor e os dados contextuais vão

influir, sem dúvida, na delimitação do denotativo e conotativo. Mesmo aceitando a conotação, nem por isso podemos dizer que estamos diante de um texto literário.

Citações mais centradas na perspectiva dos veteranos fortalecem a opinião sobre o acontecimento e assim explica a falta da linguagem poética no texto. Esse ponto de vista não muda, o que difere é o tratamento como na segunda reportagem em que menciona que não regressaram apenas veteranos, mas também jovens de todo o país, convertidos em cinzas. García Márquez (2006, p. 361) descreve em seguida a mãe de um deles “uma velha negra, vive sozinha em Quibdó, na miséria, mantida pela caridade pública. Só o que lhe resta do filho, eternamente emoldurada, é uma condecoração póstuma”. Mas a falta de certa característica não implica na ausência de literalidade no texto, o trecho cima demonstra aquilo que a literatura tem como base, a sensação que a obra provoca no leitor. Para Lajolo (1982), a linguagem torna-se literária quando seu uso instaura um universo, um espaço de interação de subjetividades (autor e leitor) que escapa ao imediatismo, à predictibilidade e ao estereótipo das situações do uso da linguagem que configuram a vida cotidiana.

Optar pelo travessão prova que García Márquez prende a atenção para o que já foi anunciado nos primeiros trechos da reportagem. A criação, ou seja, falta do emprego da gramática normativa é característica de seus textos para expor a problemática da situação, contendo a sensibilidade com a questão social. Essa característica prova um pouco de seu estilo, que para Rodrigues (2010), em meio século para cá, opera a mágica do casamento da alta cultura e cultura de massa com a eficiência. Algo que todo mundo lê, tanto a telefonista do escritório quanto o pós-doutor de Harvard.

No que tange ao gênero literário, García Márquez trata o texto como crônica, o tal do gênero híbrido que caminha entre o jornalismo e a literatura ameaça assim a estrutura da reportagem no jornalismo. No trecho abaixo aparece o tratamento dado aos textos por Gabo:

O dr. Ariel Durán, psiquiatra de reconhecida autoridade, que teve a gentileza e a paciência de orientar o autor desta crônica com seus conceitos, não considera improvável que alguns dos veteranos da Coréia

tivessem feitos suas inscrições como voluntários precisamente por serem indivíduos desajustados.[...] As anteriores ilustrações científicas, que em uma crônica como esta podem parecer uma necessidade, permitem afirmar até onde é absurda, confusa e injustamente superficial a opinião geral sobre a personalidade, a saúde e as possibilidades de adaptação dos veteranos (GARCÍA MÁRQUEZ, 2006, pp.365-366).

Apesar de a reportagem possuir a narrativa e a criação literária para tratar de maneira firme um assunto intrigante para o governo colombiano, aqui não possui função estética, aquela atrelada a um futuro objeto. Proença Filho (2007) e Lajolo (1982) citam o item como fundamental na produção literária, a segunda afirma que a obra literária em si é um objeto social. Para que ela exista, é preciso que alguém a escreva e que outro alguém a leia. Ela só existe enquanto obras neste intercâmbio social. Já Gilard (2006) cita as leituras de García Márquez como determinantes para sua produção e estilo.

Se se manifestavam novas disposições, era porque tinham tido tempo para amadurecer. Nessa forma de escrever reportagem, havia mais que o eco de preocupações literárias nascentes; e de forma alguma se tratava da descoberta repentina de novas possibilidades. Apareciam já as consequências de leituras que vieram depois das de Faulkner, especialmente as de Camus e Hemingway, com reflexões, análises e secretos textos experimentais (GILARD, 2006, pp.73-74).

Nos últimos versos do bloco nomeado de *Há que começar pelo princípio*, conclui-se com entonação o que o texto veio cumprir a missão de questionar e humanizar, muito além da informação.

O Drama De Três Mil Crianças Colombianas Desabrigadas

TABELA 3: CARACTERÍSTICA DO TEXTO LITERÁRIO

	Sim	Não
<ul style="list-style-type: none"> • Quanto à narrativa: Sequência de acontecimentos e história; Explanação sobre o ambiente; narrador e narratório; tempo. 	X	

<ul style="list-style-type: none"> • Gênero (s) literário (s), texto pertencente ao gênero narrativo: Fábula, epopeia, romance, conto, novela, crônica, ensaio. 		X
<ul style="list-style-type: none"> • Função Estética: 		X
<ul style="list-style-type: none"> • Ficção: Literatura é marcada pela invenção e traz também a marca de uma variabilidade específica, seja em nível de representatividade cultural ou de discursos individuais. 		X
<ul style="list-style-type: none"> • Não há gramática normativa para o texto literário: criação é o da liberdade 	X	
<ul style="list-style-type: none"> • Importância do personagem na narrativa: São eles quem dão condição ao enredo e vivem nele como participantes da história. 	X	
<ul style="list-style-type: none"> • Linguagem poética: desautomatizada, opaca e opera na sensação do objeto (perceptibilidade) 		X

(Fonte: Proença Filho (2007), Lajolo (1982) e Samuel (1985))

O drama de três mil crianças colombianas desabrigadas é considerado texto curto no âmbito jornalístico agrega apenas uma reportagem carregada de forma sensorial. A presença da narrativa envolve a disposição do acontecimento seguido de explanação do ambiente, no caso a situação das crianças vítimas de violência e o abrigo *Amparo de Niños*. Gabo inicia o texto explicando a situação em Villarrica, local tomado pelo quartel e onde as crianças foram retiradas.

Observa-se também o enredo criado como quando seguimos os oitos entretítulos: *A primeira notícia, O drama do exílio, O corcundinha, O “Pavilhão do Tolima”, Para contar com nome próprio, Oito centavos per capita, Onde estão as crianças?, Um futuro sombrio*. Segue linearmente, mas o que seja o desfecho deixa uma pergunta em aberto, a questão social não termina quando acaba o texto e esta é a noção de poder que com a literatura disponibiliza com cada leitor. A partir dos enunciados narrativos somos capazes de colocar as coisas em relação umas com as outras em ordem e perspectiva, em um desenrolar lógico e cronológico. É assim que

compreendemos a maioria das coisas do mundo. Ao estabelecer sequências de continuidade (ou descontinuidade), as narrativas integram ações no passado, presente e futuro, dotando-as de sequenciação. O relato temporal perspectiva os estados e as ações em momentos históricos (mudanças evolutivas).

Corrente até hoje no País, a situação da violência colombiana não foi tratada de maneira natural ou policial porque o escritor priorizou personagens, como a história de Helí Rodriguez, que aparece no início e fim da reportagem com seu futuro projetado tragicamente pelo narrador. Em outro entretítulo do texto, Gabo conta a história do “corcundinha”, que chegou ao *Amparo de Niños* tuberculoso sem saber de sua origem, de seus pais e muito menos falar. A história dele se confunde com cerca de trezentas crianças que a instituição recebe. Infelizmente são muitas outras crianças em condições piores, o jornalista lembra. A característica deste o define como uma personagem da literatura, um corcunda diferente, porém real na medida em que se assemelha ao clássico infanto-juvenil de Victor Hugo, *O corcunda de Notre Dame*.

A partir do próprio colega de profissão, o jornalista descreve na terceira pessoa mesmo que a distância não se estabeleça – o colega aqui é correspondente do *El Espectador*. Entre as peripécias de Gabo pelos gêneros, ele aproveitou para intercalar as enunciações que por hora escapa discretamente uma primeira pessoa. Esse jogo de palavras foi lembrado no conto *As babas do diabo*, de Julio Cortázar acerca da narrativa escrita logo no primeiro parágrafo:

Nunca se saberá como isso deve ser contado, se na primeira ou segunda pessoa, usando a terceira do plural ou inventando constantemente formas que não servirão para nada. Se fosse possível dizer: eu viram subir a lua, ou: em mim nos dói o fundo dos olhos, e principalmente assim: tu mulher louca eram as nuvens que continuam correndo diante de meus teus seus nossos vossos seus rostos. Que diabo. Durante a narração, se fosse possível ir beber um chope por aí e a máquina continuasse sozinha (porque escrevo a máquina) seria perfeição (CORTÁZAR, 2012, p.56).

Neste texto, o escritor colombiano assume o papel de transformador que vem acompanhado ao jornalismo. A literatura reflete a liberdade, o texto espelha a subjetividade quando narra o abrigo das crianças. Essa descrição é possível graças à visita *in loco* e experiência proposta quando sente pelo olhar das crianças, o contato não reproduz exatamente o que viu e sim reconstrói o ambiente por este motivo não há gramática normativa no texto.

Em uma visita ao Amparo de Niños percebe-se que a situação da ordem pública influiu sensivelmente no comportamento dos mais velhos. Muitos deles aguardam esperançosos, que os pais venham buscá-los. Vestem roupas de crianças camponesas de terra quente – calças de linho e camisa de algodão – e se protegem do frio com um abrigo natural: correndo pelos pátios, subindo e descendo as escadas dos três andares da fundação (GARCÍA MÁRQUEZ, 2006, p.587).

Linguagem poética, seja neste texto ou na obra literária em si evidencia-se quando, através dos signos, se "cria" intencionalmente uma realidade, configurada sobretudo numa obra de arte do gênero.

Logo a necessidade de números oficiais para compor os detalhes da reportagem e a dimensão do problema diante da violência apoiou-se em dados verídicos, concluí-se que a escassez de elementos ficcionais explica o conteúdo. Para Samuel (1985), tomar uma forma ainda não basta para literatura: a ficção tem como característica fundamental o imaginar. O imaginar é o contraponto de formar. O contraponto indica a presença da tensão do limite e do ilimitado, do discurso e do imaginário, do homem ultrapassando as fronteiras das realidades dentro do real. O que caracteriza a ficção, para ele, é a presença marcante e irrefreável do imaginário. Já Lajolo (1982) acredita que a literatura foi e sempre será realista. “Por mais deformado, transformado ou transfigurado que seja, o real esteve e está nos livros, para quem quer vê-lo. Acho às vezes, inclusive, que só se tem acesso ao real quando ele humaniza, isto é, se conforma a alguns dos códigos que o instauram em linguagem humana.

Em vista do contexto histórico acredita-se no emprego de demais característica: as reportagens foram publicadas um mês após a publicação do relato do Marinheiro Velásquez à García Márquez, que deu origem ao livro *Relato de um naufrago*.

A estética é o mecanismo usado para lapidar a palavra como faz o escultor a um bloco de pedra, com o objetivo de transformá-la numa joia e proporcionar o efeito emocional, uma sensação de prazer e emoção no receptor. Mas a estética relacionada a obra de arte, ou seja, objeto não está incluída neste “texto de dados” que possui função referencial e está pesado para a linguagem jornalística. Colocando como fator decisivo a análise jornalística que antecede e a ausência de um encaixe no gênero literário, estas reportagens possuem ideal linguístico. A língua coloca à disposição de cada um, um múltiplo repertório de possibilidades. Ao assumir o discurso, o indivíduo busca escolher os meios de expressão que melhor configurem suas ideias, pensamentos e desejos. Essa escolha é que caracteriza o estilo, algo que para Gabo denomina apesar de não ser necessário o enquadramento para ele que acredita na união de jornalismo e literatura.

Considerações Finais

Quanto a ficção, que remota aos tempos dos primeiros contos publicados em *El Espectador*, a García Márquez restava alimentar a energia motriz que movia sua produção jornalística, a busca de uma narrativa própria, sendo assim tratada como uma recriação aliada a suas memórias. A literatura é uma recriação da realidade; mas essa recriação se dá a partir da recriação da linguagem.

Entre as reportagens com grande quantidade e qualidade de informações resultaram-se textos construídos com uma linguagem mais literária do que propriamente jornalística, pois ele misturava de forma magistral os dados de toda ordem com palavras de cunho mais poético, imprimindo a tais matérias jornalísticas um estilo diferenciado de contar uma história baseada em fatos reais. Desse prestígio

da ficção literária, identifiquei dois aspectos. O primeiro é a proximidade dos processos de recriação com o nosso cotidiano. O segundo é o poder de emocionar na recriação literária.

Portanto, a recriação está presente na memória comum nas obras de Gabriel García Márquez assim no produto jornalístico. Trata-se da leveza, característica de Calvino (1990), na qual incluí que o leitor vivencie esta sensação. Ele também faz considerações sobre a construção textual sinalizando como sendo esses elementos a corrente filosófica, o ponto de vista, as ferramentas linguísticas peculiares, a definição da ideia e a precisão na linguagem, visando estimular, em especial, a percepção. Percepção do ponto de vista cinematográfico em que o colombiano participa da história e transmite emoção nos três textos analisados no artigo. Além do destaque dado aos personagens e do regime de percepção proposto pela literatura, revela-se o valor significativo do real na criação, bem como difusão do Jornalismo Literário na América Latina.

García Márquez não olha a realidade com a suposta objetividade e o distanciamento de um jornalista que reconstrói os eventos para cumprir seu compromisso com a verdade. Ele prefere vê-la com o olhar subjetivo de um escritor que penetra a realidade e retira dela a essência humana, tomando a liberdade de modificar personagens e eventos em sua busca tenaz pela natureza transcendental do mero evento.

A partir de seus trabalhos, o escritor colombiano acreditava que o jornalismo merecia não apenas uma nova gramática, mas também uma nova pedagogia no ofício, e que seja visto como o que é, mesmo sem reconhecimento oficial: um gênero literário maior de idade, como a poesia ou o teatro. O território mais apropriado para o direcionamento do talento narrativo à produção de peças de não ficção é mesmo o jornalismo literário, aberto às formas de maior beleza estética. Em síntese, a criação literária tem bases na realidade e experiência do escritor. Com as reportagens e obras que procedem este período é possível notar como a memória pessoal de Gabriel García Márquez integra cada história narrada. Quando valoriza a cidadezinha no

interior da Colômbia e até caminha pelos horrores da guerra através dos textos. O trânsito entre jornalismo e literatura, e vice-versa, também tem sido levado a cabo por profissionais da narrativa com essa flexibilidade de forma para se expressar ora na ficção ora na literatura da realidade.

Referências

BARTHES, Roland. *O Prazer do texto*. Tradução J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1987.

CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CORTÁZAR, Julio. *As armas secretas*. Tradução Eric Nepomuceno. Rio de Janeiro: BestBolso, 2012.

FERRO, Ana Paula Rodrigues; FERRO, Fábio Ferro. Crônica: Gênero textual entre jornalismo e literatura (Um artigo direcionado aos estudantes universitários). *Educação, Gestão e Sociedade*: revista da Faculdade Eça de Queirós, ISSN 2179-9636, Ano 3, número 11, agosto de 2013.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. *Textos Andinos 1954 – 1955*. Obra Jornalística 2 1954-1955. Rio de Janeiro: Record, 2006.

_____. *Notícia de um sequestro*. Rio de Janeiro: Record, 1996.

GILARD, Jacques. Prólogo. In: GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. *Textos Andinos*. Obra Jornalística 2 1954-1955. Rio de Janeiro: Record, 2006.

KUNDERA, Milan. *Um encontro*. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

LAJOLO, Marisa. *O que é literatura*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

LHOSA, Mario Vargas. *García Márquez: Historia de un deicidio*. Barcelona: Barral Editores, 1971.

MARTIN, Gerald. *Gabriel García Márquez: uma vida*. Tradução Cordelia Magalhães. Rio de Janeiro: Ediouro, 2010.

PROENÇA FILHO, Domicio. *A linguagem literária*. 8.ed. São Paulo: Ática, 2007. 95p.

RODRIGUES, Sérgio. *Gentil, mas sóbrio*. Bravo!, São Paulo, v.12, n.150, p. 34-37, fev. 2010.

SALDÍVAR, Dasso. *Gabriel García Márquez: viagem à semente*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SAMUEL, Rogel (org.). *Manual de teoria literária*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

Programa Encontro Marcado com a Arte, exibido pela TV Educativa em 1998. Entrevista com Eric Nepomuceno. 22'12''. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=RVDiF0IUNog>>. Publicado em 17 de dezembro de 2013. Acesso em 04 de setembro de 2014.

Recebido em 08/02/2017.

Aceito em 25/03/2017.